



PARISIENSES: Mademoiselle Forzane

(Liché Reutlinger)

Segunda série — N.º 443

— Ilustração Portuguesa —

Lisboa, 17 de Agosto de 1914

Dirêtor e proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA  
 Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
 PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição  
 e impressão: RUA DO SÉCULO, 43


Edição semanal do jornal  
**O SÉCULO**

Trimestre...	1\$20 cent.	Numero avulso
Semestre...	2\$40	
Ano.....	4\$80	110 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8



# ROYAL VINOLIA CREAM.

 Seu uso torna-se indispensavel a quem deseja ter a pelle fresca e macia. As suas propriedades suavisantes alliviam immediatamente toda a irritação produzida por qualquer doença cutanea.

VINOLIA CO. LTD.,  
LONDON—PARIS.

V 728

## Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Peredo e Casa d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princesa, 270

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 01

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa. 605—Porto, 117**

### CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Reis.....	950.310\$000

**Sede em Lisboa.** Proprietaria

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e




das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

das fabricas do Prado, Maria:iaia e

 Epil'vite  
 Epil'vite  
 Epil'vite

CREME  
DEPILATORIO  
pronto a empregar.  
Efeito garantido.  
Perfumado. Tira  
rapidamente, a  
penugem, barba, os  
pelos mais rijos da  
cara e do corpo.  
Não produz nem borbulhas nem vermelhidão.  
não irrita a pele. — Envio discreto e franco  
contra vale do correio de \$50 centavos.  
REPRESENTANTE: JULES DELIGANT  
15, Rua dos Sapateiros—LISBOA

## Brilhantes, perolas,

ouro, prata, papeis de credito, pianos, mobilias, louças antigas, etc., etc. Sobre tudo o maximo valor e a juo o reduzido empra a antiga casa da rua do Norte, 14, 1.º. Telefone 4261. — SHORE & MUGUEL



**Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos,** CINQUENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

**Tonico Amarello** com sello **Viteri** Preparado desde '88: pela PHARMACIA BARRETO. — Suspense a queda do cabelo, promove o seu crescimento, da-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. Regenera a cor primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frissados e ondeados. Não contém enxofre. Frasco 700 reis — Para fora de Lisboa mais 100 reis para porte e registo. **Deposito geral**

**VICENTE RIBEIRO & C.ª** — 84, R. Paquetiros, 1.ª—LISBOA

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 443

17 - 8 - 1914

## A atitude de Portugal

O Congresso conferiu ao governo plenos poderes para salvaguardar na presente conjuntura os interesses nacionaes, e manifestou-se no sentido da realisação de uma politica rasgadamente ingleza. Esta atitude do Congresso marcou a situação de Portugal perante



o conflito europeu. Portugal está, por coherencia historica, por tradição nacional e por conveniencia politica, ao lado da Inglaterra. Mas a definição da sua atitude não subentende, por forma alguma, qualquer intenção de deliberada hostilidade contra a Alemanha. Portugal é um d'esses pequenos Estados para os quaes a Alemanha está creando um direito internacional novo; cuja neutralidade evidentemente a nação alemã não respeitaria, e que, como é natural, se viu compelido a marcar no conflito europeu a posição não só mais coherente com os instrumentos diplomaticos e com as alianças tradicionaes, mas ainda a mais harmonica com a plena afirmação do seu direito á vida.

## A guerra

Nada se sabe da guerra no mar. O radiograma de Vigo não se confirma. Os jornaes desmentem ás segundas, quartas e sextas, as noticias sensacionaes que publicam ás terças, quintas e sabados. Ignora-se tudo. Somos uma multidão de surdos debruçada sobre um nevoeiro. A nossa imaginação excitada segue na bruma do mar do Norte os movimentos ciclopicos da esquadra ingleza; entrevê as fortalezas negras dos «dreadnoughts» e dos «superdreadnoughts» resfolegando os seus pulmões d'aço e de fogo; presente os exterminios gigantescos, a hecatombe formidavel que resultará amanhã do primeiro choque d'essas imensas cidades flutuantes; e perante a iminencia



do maior desastre que tem produzido em todos os séculos a guerra, deplora o tempo que a ingenuidade «saint-simoniana» dos filosofos

perdeu a evangelisar as mentiras eternas da «religião da ternura» e do «amor da humanidade».

## Marquez de Franco

Os grandes isolados vão desaparecendo. As sociedades modernas, de carater essencialmente uniforme, tendem a excluir e a eliminar os «tipos». Perante as exigencias cada vez mais imperiosas de adaptação, o culto da personalidade perdeu-se. Todos nós nos parecemos. Essa progressiva descaracterisação, produto natural das democracias, torna-se

mais sensível nos paizes latinos, — e é evidente entre nós. O marquez de Franco, que acaba de morrer, foi, seguramente, um dos ultimos «tipos» de Lisboa. Excentrico, isolado, original, embrulhado quasi sempre n'um chaile-manta, a mão cheia de anéis, um charuto enorme na boca, indifferente ao assombro que a sua figura causava, — o illustre titular soube manter, até á morte, a coragem da sua extravagancia e a audacia da sua singularidade.



## Lemaitre

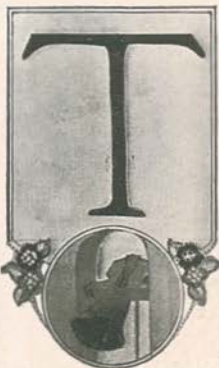
Com os grandes acontecimentos, em especial com aqueles que mais estruturalmente abalam a vida das sociedades, coincide quasi sempre o desaparecimento de grandes figuras nacionaes. Equilibrios vitales frageis, organizações fatigadas e intoxicadas, — uma comoção maior sacode-as e abate-as como uma tempestade. Julio Lemaitre foi uma das primeiras victimas da guerra. O parnasiano admiravel dos «Medaillons», o psicologo vivo e penetrante das «Opinions à répandre», que se batera como um bravo em 1870, teve agora, quarenta e quatro anos depois, ao presentii os primeiros tiros das vedetas alemãs, a ilusão de que voltava á mocidade para morrer em plena gloria.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

# O sorriso das flores



ocava ao meio dia em S. Pedro, ali na visinhança; e em baixo, os tamancos dos sapateiros, das operarias de fiação, das costureiras, emfim de toda a serie emagrecida dos trabalhadores ao jornal, alegrando a rua, subiam ou desciam, cascalhando, a rua aberta e sôlheira.

Macedo, em cima, sentado em frente da mulher, á meza, moradia o bocado em silencio...

— Traga as tripas, Beatriz—ordenou para dentro, á creada, a corpolenta e grave senhora.

— Ora aí está! E' isto!...—rompeu Macedo, arumando o prato, contrariado, e descaçando com desespero a face gorda na mão igualmente gorda e peluda. Tripas, um prato de que eu gosto tanto, hoje, logo n'um dia em que o bocado me não passa d'aqui, da guela!... Tripas!...

A creada poisou a terrina brilhante, que fumegava pela abertura de um dos bordos, toda decorada com passaros azues, á chineza.

Voltaram então a estar sós; e D. Clara, espaçando os grandes seios inuteis sobre o prato vasio e polido—como se os seios fossem manjar para servir—revestiu-se de coragem e adeantou, a meia voz, com gravidade:

— Tu fazes o favor, dizes-me que bicho te mordeu esta manhã?...

— Deixe-me! Deixe-me, ouviu?!—replicou o Macedo, batendo o talher, irritado. Tambem a senhora?... Era o que me faltava! Sabe que mais? Irra! Irra, e... o que eu agora não digo... «Lhe não digo!...»—acrescentou, com terrivel intenção.

Palida, ajustando o guardanapo no colarete de renda, D. Clara recolheu-se em seguida a um fundo silencio de despeito e tristeza, pegando o bocado, para além do centro de vidro espiralado de laranjas e uvas padeiras, com a face apoiada na mão, o olhar baixo e uma commissa de desgosto a espremer-lhe os labios miudos e simpaticos.

— A senhora chora, chora...—volveu o Macedo, quebrando um longo silencio dos dois.

— Deixas-me, fazes favor?...—respondeu D. Clara, enxugando duas lagrimas ao lenço de bratanha,

— Pois olhe, tanto chore que se esprema! Ora aí tem. E acrescentou com impeto:—Acerca do resto, não tem que ver, são os meus inimigos, é a rua, essa canalha! E...

— Sim, eu sempre disse que essa coisa de seres vereador ainda te havia de dar alguns desgostos... Eu sempre o disse!...

— E porque? E porque, não me dirá a senhora?!—replicou, erguendo-se, com as lunetas mal seguras, e adiantando, grave, um dedo sujo de gordura por sobre as uvas padeiras do centro da meza. Porque cumpri a letra do codigo, não é verdade? Ora aí está, porque cumpri o codigo. Pois muito bem. A lei é soberana! Soberana, entende a senhora? Mas entende, com efeito? Ora muito bem. Entende ou faz que entende... Soberana! E acrescente: sagrada! Sagrada, efetivamente, pois que se não fosse sagrada, quer dizer: superior aos homens, não era lei! «Dura lex sed lex», portanto! Está ouvindo? Ouve, é claro. Ora muito bem. Agora fique a senhora sabendo: se a lei não existisse e, existindo, não fosse cumprida á risca, entendeu, aí de si e aí de mim! Uma Maria da Fonte! Peior: uma republica! Estavamos perdidos! Ora muito bem. Proibí, então? Sim, proibí, é um facto. E contra factos não ha argumentos. Contra factos não ha argumentos, repito! A autoridade dimanada da lei, senhor presidente... (E' o que eu hei dizer amanhã). Sou vereador, tenho o codigo; exerci, portanto, a lei, como autoridade que era, sou e hei de continuar a ser, ainda que isto dê um estorço. Entendeu a D. Clara? Olhe bem para mim! Entendeu?! Entendeu, está-se a ver. Ora muito bem.

Mas agora pergunto eu: proibí apenas em nome da lei? Exclusivamente?... Não! Proibí tambem em nome da civilisação! Aposto que não sabe o que quer dizer?... Não admira! Veja a senhora como sempre fui ponderado! Fartei-me de lhe aconselhar que fosse assistir ao sermão do pa-

dre do Porto, pela festa do Santíssimo, em S. Paio, o ano passado. Não foi. Tinha visitas. Adeante... Pois lá se falou, e bem, excelentemente bem; como eu... nunca hei de falar... A civilização! Ah, minha amiga!... Anterior aos romanos, imagine! Aos que fizeram Roma, ali... cal e areia, e logo palácios, torres, acho que toiradas... Um sarilho a nove! Ah! a civilização!...

— Senta-te. Olha as uvas...

— Sim. E o pratinho da aletria... Já o esperava... Cincoenta e nove anos... Estou velho... Mas nunca estarei velho, nunca, para gritar:— Lei, lei, lei!... e civilização! Entendeu? Ora muito bem.

— Come, que estás cansado, Macedo... — voltou D. Clara, toda enrugada de fadiga.

— Qual!... Traga-me uma colher, moça.

— Beatriz, que colher para a aletria.

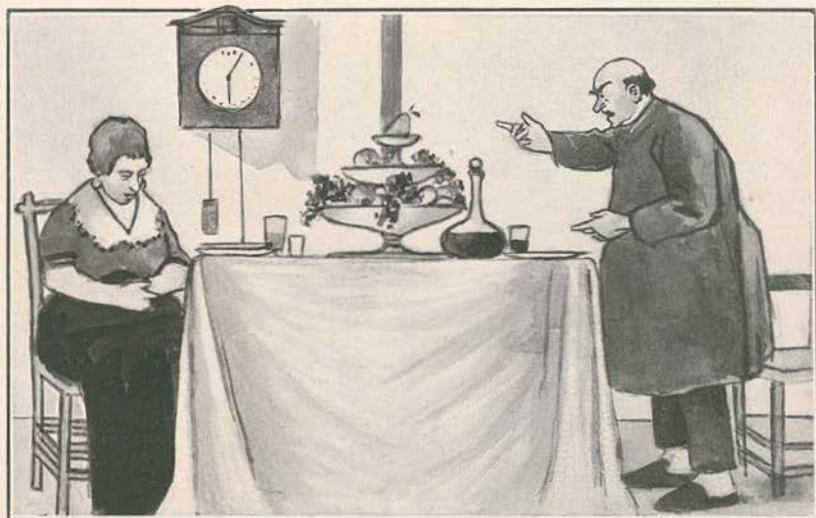
— Em nome da lei e da civilização, sim, senhor!... Deixa ficar. Está limpa? Deixe ficar. Ah!... Pois então! O que eles logo foram ver era

Dito isto, entalou o palito, tomou as pontas compridas do guarda-pó e desceu, grave e dentro de toda uma resolução.

Na loja, a essa hora despovoada, estava o calor sorna das sextas de agosto. O toldo de riscado, com cincoenta anos de estabelecimento e armado em argolas de latão na ferraria cravada no granito das padieiras, avançava em braza por sobre todo o passeio. Dentro, tontas contra as vidraças escuras da armação de botica, que suspendia a toda a volta as meadas de retroz de de varias côres, da retrozaria, as moscas, no pesadelo monotono, batiam e subiam zumbindo, em grandes curvas aereas...

Foi-se o marçano ao caldo, bicudo e intonso; e Macedo, descansando no mocho de pinho, por detraz de uma dalmatica roxa, em preparo, ficou-se a passar o periodico pelas lunetas armadas em arame, um tanto ou quanto opiado da calma e da digestão.

Por ordem de D. Clara, o marçano do Mace-



se o codigo trazia isso. Burros. Mas viram. Agora obedecem. Que remedio!... A senhora quantos ovos botou n'isto?...

— Seis. Não está doce?

— Está. E a canela é boa.

— Devias comer as uvas primeiro...

— Desisto. E' tarde. Tenho de mandar o rapaz para cima,— respondeu, soffrego e assooprando para o pires, que fumegava ainda.

— Come mais devagar. Assim nem te sabe!...

Mas o Macedo ergueu-se, a espanar o guarda-pó; arqueou um braço por sobre as uvas, á procura de um palito; e concluiu, puxando as calças na barriga:

— O que eu digo á senhora é que, enquanto eu fór Macedo e vereador, roupa a secar e trepadeiras, ás varandas, nunca mais a senhora ha de vêr. Está prohibido; está prohibido! Arrumou-se. E quanto ao resto, descança... Aquelle que se meter comigo, apanha na focinhada, que é um gosto.

do nunca o acordava chamando ou agitando. O retrozeiro era nervoso; e por vezes acontecia que, com um simples grito de buzina de automovel, na passagem á portada, Macedo se erguia sobresaltado e no primeiro impulso, inquieto, o crespo das sobranceiras arqueando, abertos de espanto os seus formidaveis olhos azues, despedia, a todo o pano, um pontapé ou um murro no primeiro objeto ou pessoa que encontrasse. Depois, era certo, tinha más palavras, ficava sempre incomodado, com dôres de cabeça e nauseas. Era que o sono, em Macedo, n'aquella hora, surgia como uso imanado dos gosos e bons costumes da egreja, na localidade, impondo-se-lhe mercê das obrigações adquiridas no seu risonho e rendoso convívio com a clerezia e as irmandades. Quando a dormideira se prolongava, então ao marçano sorria-lhe o expediente carinhoso de D. Clara. Assim n'aquella tarde, depois que o zelador da vereação entrou, com a mão apertando a boca e uns certos

ares de caso que punham firmeza e reserva nas suas palavras, o retrozeiro, de nariz sobre o emgomado da camisa, dormia com uma pedra. Cauteloso, o marçano aproximou-se-lhe, e, leve como uma abelha, começou soprando, n'uma aragem fresca de madrugada, sobre as palmeiras grossas do homem dos paramentos; tão leve e vago que vagamente, e quasi risonhamente, Macedo resurgiu, vindo, musculoso, do reino de fantasia onde Morphé o havia recebido e acolhido.

— Homem!... sonhava com flores!

— Pois sonhava a proposito... — comentou, além do balcão, o zelador camarário.

— Então?!...

— Preciso de lhe falar, sr. Macedo...

— Vamos lá para traz. O' rapaz, váe lá cima buscar a chave e um copo. Não te demores. Mas então o que ha?

— Trama-se. O senhor sabe que é hoje que termina o praso da proibição? Amanhã já ha multas, sabe? Lembra-se?

— Sim. E então?

— Trama-se

— Política, não?... Fale baixo.

— Olhe para a rua: vasos! E' assim por toda a parte. Não sei se é politica dos regeneradores, ou se o não é. Mas é assim. Não se vê outra coisa. Deve ser piada. Nunca vi tanto vaso nos dias da minha vida!

— Homem, não sei porquê... Talvez que isto seja ainda do sono... Mas o certo é que não sei por que, sr. Canelas, estou a sentir a modos de formigas pelo corpo!... Venha cá, homem. Vamos aqui beber um copo de vinho... Vae contar-me essa historia por miudos.

O Canelas tirou o boné de galões, sem hesitar, e atravessou o balcão, confessando:

— Que eu, afinal, pouco sei... Quasi nada sei... Desconfio, é o caso...

— Venha cá... Venha cá, porque você nunca se ha de arrender de me fazer bem... Fique-se com esta, homem!...

— Eu sei. Muito obrigado.

— Então vamos a isso. Conte lá. Mas diga-me tudo; você não me guarde nada!...

O zelador ficou suspenso, de olhos atirados para a terra humida da adega, cheio de duvidas e hesitação!...

O que poderia ele dizer, afinal?!... Que se tramava, unicamente... Agora o necessario, quem e o que se tramava, não. Tudo isso era misterio. Mas o que era certo — á d'isso ninguem tivesse duvidas — era que se tramava.

— Na sombra? — inquiriu o Macedo, erguendo o copo a trasbordar.

— Talvez...

— Política?...

— Parece que sim...

N'um café, por exemplo, alguém lhe perguntou, n'um sorriso e esfregando as mãos, «pelo que havia de novo!... Ora esse alguém votára pelos regeneradores, nas ultimas. E sabia, acrescentou Sabia, ao certo. A', isso lá é que ele sabia! Mas o que era que ele sabia? E como? Toda a gente o poderia saber. Ele, Canelas, não. O misterio era cada vez mais cerrado. Todavia, ousava afirmar: tramava-se!...

— Cheira-me a missa cantada!... — adeantou Macedo, grave e cofiando um beijo.

— Agora os vasos, — continuou o Canelas, sentando-se n'um mocho. Todas as ordens estão dadas. Esta noite expira o praso. Oito dias, á meia noite. Era o ordenado. Mas tanto vaso?!... O'! a confusão que isto me faz ao miolo!...

— Vasos!... — murmurou o Macedo, de olhos no ar, mordendo o beijo. Acho que o melhor é eu ir para fóra, não acha?... A minha mulher anda sempre aí a gemer-me do figado, e eu aproveito, safo-me esta noite para o Gerez!...

— Não pense n'isso. Vou dar uma volta por aí, indago, vejo... E talvez que ainda logo lhe traga o segredo!...

Mas partiu... sem que voltasse...

N'essa noite, tarde, D. Clara acordou. Dos dizeres ironicos da visinhança, de vespera, na missa, no mercado, no talho, surgira-lhe uma indisposição renal e ardidá, que a deixou a tratos com uma carga de suores, horas e horas. A instantes, na velada moída e doentia, parecia-lhe que na visinhança raiava «caso», incidente invulgar, por incendio ou gritos d'alguém, pois que as vozes, os murmúrios, a modos de encapotados, surriam de quando em vez, insistentes e envoltos n'uma onda de singular misterio. Curiosa, apurou o ouvido para as torres, á escuta do badalo; mas fogo não era, que as torres permaneciam silenciosas. Cançada de atender, despreocupou-se; e suada, imensa, com o Macedo instumentando ao lado, fez peso sobre o proprio peso da sua carne, abstraiu-se, suspirou, e adormeceu de novo, ralada e suada!...

Na manhã seguinte, elevava-se o sol sobre a colina barbara e magestosa da «Penha», belo e novo como um deus que animasse ao combate, quando a velha cidade se afervorava na alegria de uma vontade singular e intensa!

Macedo, acordado na cama ao brados de Dona Clara, que, com o corpete todo desapertado e os canotilhos a desfolharem-se-lhe no cabelo, apostrofava os deuses e a visinhança, clamando contra aquella «sucia de gente réles», Macedo ergueu-se de um salto para o sobrado e bradou, furioso:

— Em nome de que lei...

— ... ou codigo... Já sabia.

— Sim, senhora. E depois?

— Olhe... Veja aí fóra!... — acrescentou a esposa, partindo e apontando-lhe a rua.

Macedo dobrou-se, nervoso, a procurar a luneta.

Pelas janelas, a raparigada da terra, alegre, fresca e animada, trabalhava ativamente na sua obra, os cabelos ao vento, os braços quasi nus, exaltada por um espirito de rebeldia e bondade que a tornavam encantadora.

— Tragam mais! Tragam mais! — ouvia-se, das varandas para as grandes salas, ansiosamente.

E murcho, encobrido-se no cortinado que velava a vidraça, de guarda pó sobre as ceroulas, Macedo assistiu ao «drama», como o seu unico motivo que era, sentindo arder-lhe nas faces, de janela para janela, ao longo de toda a rua, como se fosse uma braza, o sorriso vermelho e ironico das flores que a adornavam!...!

Assim, mais uma vez se provou que a lei deve dimanar da subtilidade dos gostos, que não das exigencias da disciplina!...

ALFREDO GUIMARÃES.

# A EUROPA EM GUERRA



O Imperador da Austria passando revista às tropas que partem para a Servia

Tanto quanto nos é possível, dadas as desencontradas notícias que a todo o momento chegam, vamos dar aos leitores uma ideia do estado da guerra que assola o velho continente europeu e cujo termo não se pode prevêr, visto como dia a dia a situação se complica com novos e deploráveis incidentes.

Relativamente á guerra anglo-alemã, é absolutamente destituída de fundamento a noticia relativa á batalha naval que se dizia ter-se travado no Mar do Norte. Alguns navios inglezes desembarcaram tropas que ocuparam parte da colonia alemã de Togo, situada na costa dos Escravos, em Africa.

As tropas inglezas que desembarcaram em França dirigiram-se á Belgica e devem n'este momento cooperar com os belgas na defesa dos pontos do paiz ainda ameaçados pelos alemães.

Pelo que diz respeito á guerra franco-alemã,

as ultimas noticias dizem que depois de um reconcontro com os alemães em Alt Kirch, os francezes avancaram sobre Mulhouse, que era defendida por uma brigada alemã de cinco mil homens. Travado combate e apoz uma admiravel carga de baioneta, os francezes sob o comando do general Joffre tomaram a cidade, debandando os alemães para Breisach.

Os 92.000 habitantes de Mulhouse, que depois foi evacuada pelos invasores, aclamaram delirantemente os francezes que tambem realizaram a occupação de Colmar (Alta-Alsacia).

O exercito francez invadiu tambem o Luxemburgo belga batendo os alemães.

Em Longwy houve pequenos combates entre as forças belige-



Exercito suizo: Artilharia de montanha

rantes, sendo a guarnição reforçada.

As tropas francezas do Dahomé penetraram no territorio sul da colonia alemã de Togo n'uma extensão de 126 quilometros.

Sobre a guerra belgo-alemã sabe-se que os alemães, depois de valentemente rachados pelos belgas, acamparam em sitio fóra do alcance da artilharia dos fortes de Liége, que completou

as suas defezas a ponto de presentemente a julgarem inexpugnavel. A chegada á Belgica de tropas inglezas e francezas impossibilita ou pelo menos torna difficilimo o exito de nova investida dos alemães.

O conflito russo-alemão se-gue mais morosamente dada a dii-culdade da mobilisação russa. Ainda assim 500:000. russos com 5:000 canhões invadiram a Polonia alemã

Parece iminente um combate no mar Baltico entre as esquadras das duas potencias,

Da guerra austro-russa ha noticia de um violento combate ferido na fronteira, onde as tropas austriacas fise-ram ir pel-os ares uma pon-te sobre o rio Zeifrontel. Apoz muitas horas de luta, com inumeras baixas em ambos os campos, os austriacos abandonaram o campo.

Relativamente á guerra austro-servia ha a registar a batalha que se feriu nas margens do Drina, em que morreram 12 officiaes e 500 soldados austriacos. Para cumulo de horror manifestaram-se al-

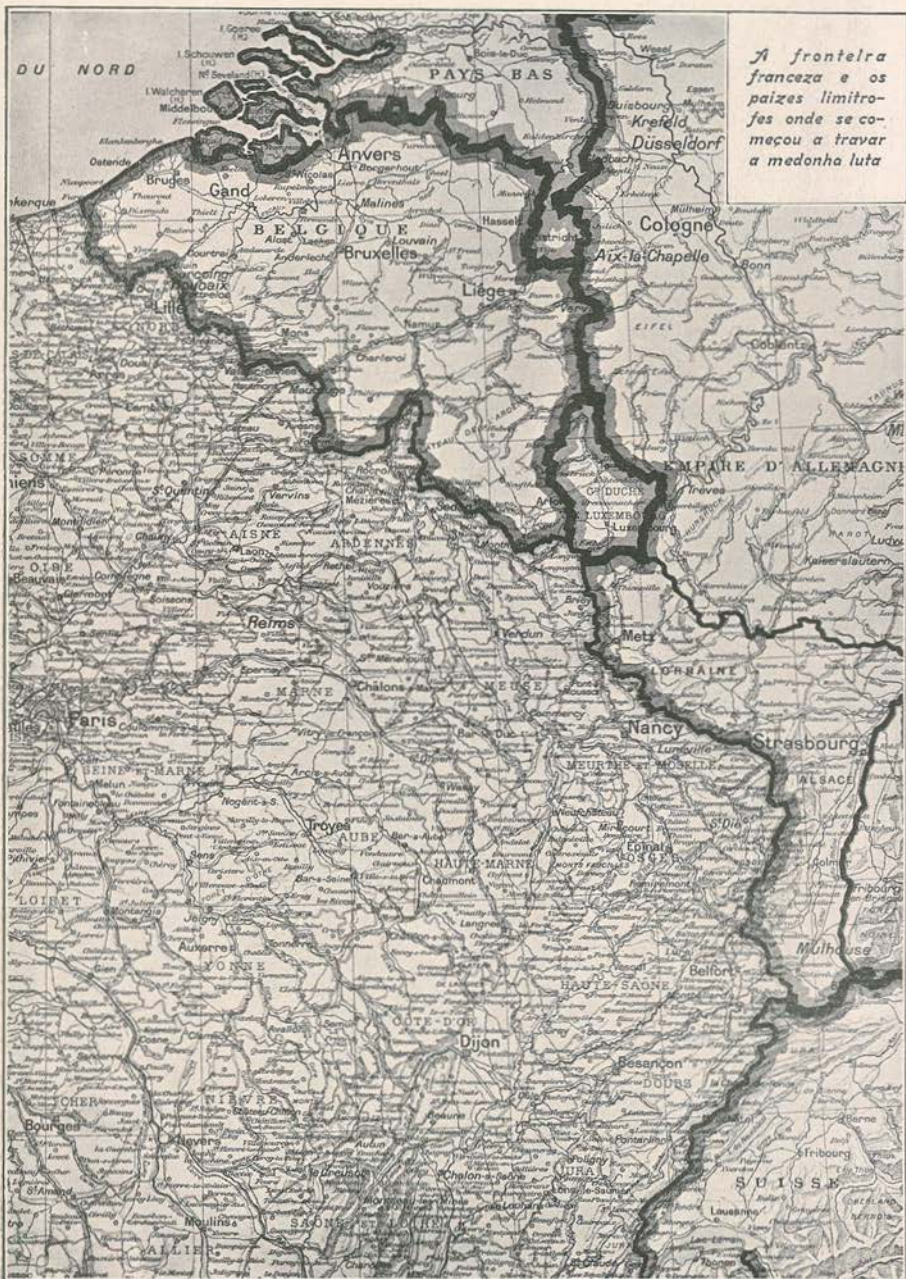


Os cães utilisados no exercito holandez para o transporte de metralhadora

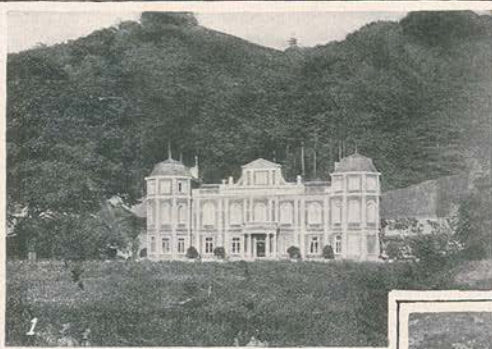


Desfile de metralhadoras belgas





*A fronteira  
francesa e os  
paizes limítro-  
fes onde se co-  
meçou a travar  
a medonha luta*



Arredores de Liège

guns casos de colera nas tropas servias e austriacas.

Os servios tomaram a cidade de Fotcha, na Bosnia.

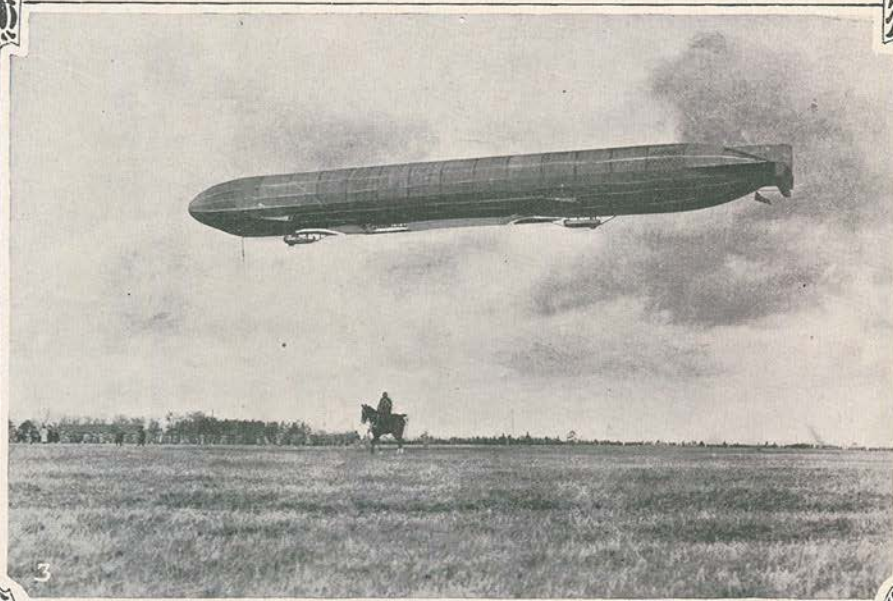
Finalmente, do conflito austro-montenegrino sabe-se que o Montenegro, aco- roçado pelos triunfos da Servia, resolveu tomar parte na guerra enviando tropas a caminho de Scutari para de novo tentarem a conquista d'essa cidade, em virtude do que a Austria mandou bombardear o porto montenegrino de Antivari. Os montenegrinos bombardearam Cattaro e Uevatch e parece que ocupa-

ram a região de Vermoch (fronteira Albanesa) e Spizze, penetrando na Bosnia, onde ocuparam Plevlje.

E' possivel que no prazo que medeia entre o momento em que traçamos estas linhas e a publicação da «Ilustração Portuguesa», a situação se modifique consideravelmente. E' quasi certo, mesmo, dado que nos circulos militares europeus se prevê para breves dias um tremenda colisão entre os beligerantes. D'ái estas simples notas não terem, porventura, a maxima atualidade.



Vale da Meuse



Um Zeppelin militar em serviço na guerra

## De Paris

N'estes tempos de guerra, de crise economica, de processos celebres, de lutas politicas, sob uma temperatura absurda que nos faz transir em pleno julho, os senhores, e sobretudo as senhoras, não levarão por certo a mal que eu prefira falar-lhes... dos chapéus de «mademoiselle» Dastry. Eles são deliciosos, os chapéus de «mademoiselle» Dastry!

Bem sei que ha os Balkans, esses Balkans imperitinentes, onde os homens são selvagens e as mulheres se vestem mal; bem sei que os arquiducos e os condes da Europa central têm acordado com ganas de engulir a Servia d'um só trago e de vingar n'aquelle pobre Pedro, surdo e trinca-espinnhas, a morte d'esse irrequieto herdeiro que tinha por força de perturbar a paz da Europa ainda que não fosse senão depois de morrer; bem sei que certas curiosidades maisãs que não respeitam nada se não cansam de aventar as hipoteses mais absurdas sobre os beijos de mr. Caillaux, de cujo virtuosismo, após as leituras do julgamento de sua esposa, a ninguem é licito duvidar. Os assuntos são muitos, vastos e profundos, pueris e grotescos. Prognosticos sobre os destinos do Oriente estariam tanto na ordem do dia como um severo

nos a outros que se sabe terem usado já os peles-vermelhas. Mas, sobre a cabeça de «mademoiselle» Dastry, esses chapéus são um encanto, como tudo aquilo que uma linda parisiense defende com a sua graça e o seu prestigio. Se as modas de Paris por vezes são inadateveis a outros meios é porque, com efeito, elas contam demais com as qualidades das pessoas que as usam. O que é ridiculo em outra parte, não o é aqui. A parisiense suporta (o termo é justo) as modas mais ousadas sem perder as suas qualidades-primas de elegancia e sedução.

Dirme-hão, os que aqui vieram, que essa regra tem um numero infinito d'exceções. Não tem tal! Os senhores confundem a parisiense, a autentica, com os produtos da provincia que Paris recebe á «contre-cœur». E' claro que eu não concebo madame Fallières com um dos deliciosos chapéus de «mademoiselle» Dastry...

Esses chapéus são, como as senhoras e os senhores não terão grande custo em verificar nas excelentes fotografias de Reutlinger que acompanham este artigo, perfeitamente absurdos. Esteticamente eles não tem unidade, nem sexo, nem estilo. Eles tem do futurismo e do fogo chinês...



1., 2. e 3. «Mademoiselle» Dastry, da Renaissance.—(Clichés Reutlinger).

discurso de moral. Não ha senão a dificuldade da escolha... Mas eu prefiro falar-lhes dos chapéus de «mademoiselle» Dastry.

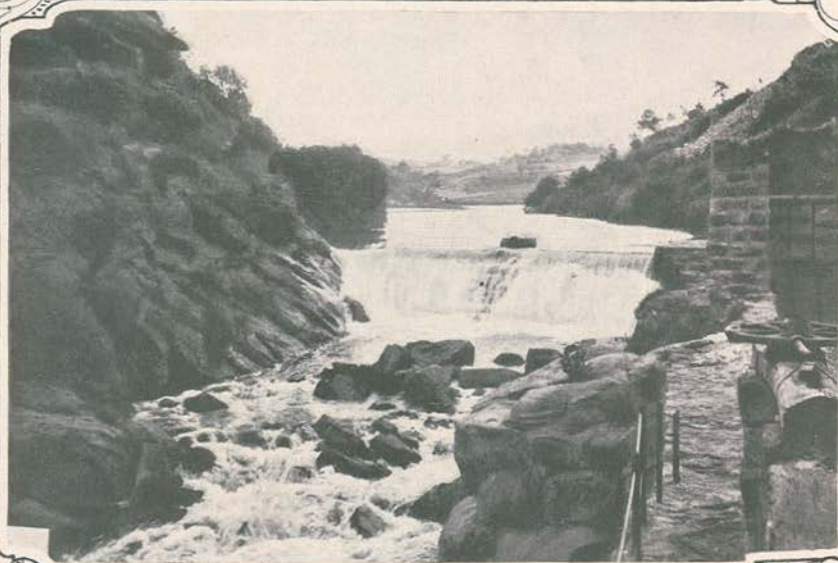
Certo, não faltam nem fantasia, nem novidade, nem graça, a esses pequeninos chapéus, ultimos modelos da estação, que a «vendeuse» seguramente chamou «ravissants» sem com isso lhes fazer favor algum. «Sem», o caricaturista, gritará que se trata do «faux chic»; pessoas exageradas compararão esses ador-

Mas reparem na serenidade candida, na gravidade convencida com que os exhibe a sua possuidora. Ela reabilita-os, impõe-os, sustenta-os, dalhes carta de nobreza. E a tal ponto que, no fim de contas, se não sabe se são os chapéus de «mademoiselle» Dastry ou «mademoiselle» Dastry, da Renaissance, ela-propria, mesmo sem chapéu, que devemos convictamente admirar.

Paris, Julho.

PAULO OSORIO.

# O RIO TAMEGA



O dique da Peneda

Decididamente, assim como ha pessoas com sorte, tambem ha rios felizes e rios infelizes.

O Mondego, por exemplo, que desgraçado rio!

O que o pobre tem ouvido, o que o pobre atura!

Ha secucos que ele não faz mais senão escutar quantas banalidades rimadas os fazedores de versos teem querido arreglar em sua honra. E são uns empoz outros os fazedores de versos, porque é raro o que por Coimbra passa sem sentir coçar-lhe a bretoeja literaria



Ilha dos Carecas

e sem que de sua improvisada lira arranque qualquer vago queixume falando do Mondego e do Choupal.

O que o pobre rio tem ouvido! e com quanta paciencia o tem ouvido!

Certo, é um rio celebre o Mondego. Mas caro tem pago a sua celebridade!

E depois, deixem-me dizer-lhes, a celebridade ruidosa, resoante, que incomoda e quasi vexa as creaturas recolhidas, delicadas, da mesma maneira inco-

da e vexa os rios que sentem, os rios que teem alma, os rios poetas.

Quantas e quantas vezes o Mondego não hade ter sofrido de ser celebre, de

a paisagem coimbrã tocada já dos primeiros «frissons» da morte desmaia e enlvidece, e no ar anda esparsa uma saudade vinda não sei d'onde, e tudo de

redorde nós parece recolher-se n'uma grande penitencia, quantas e quantas vezes o pobre Mondego não ha de poder á vontade chorar as suas lagrimas, gemer os seus gemidos, soluçar os seus soluços!

Quantas e quantas veses!

Não, positivamente, é um rio des-



não poder tranquilamente correr e murmurar as suas penas sem que um bardo indiscreto lhe salte logo ao encontro por inquirir de sua vida, perdendo-lhe as satisfações em verso!

Quantas e quantas vezes, sobretudo no outono, quando



1 Azenha do Agapito

2. O rio a montante do dique da Peneda



graçado, o Mondego. Mas d'um rio feliz sei eu—feliz entre os felizes.

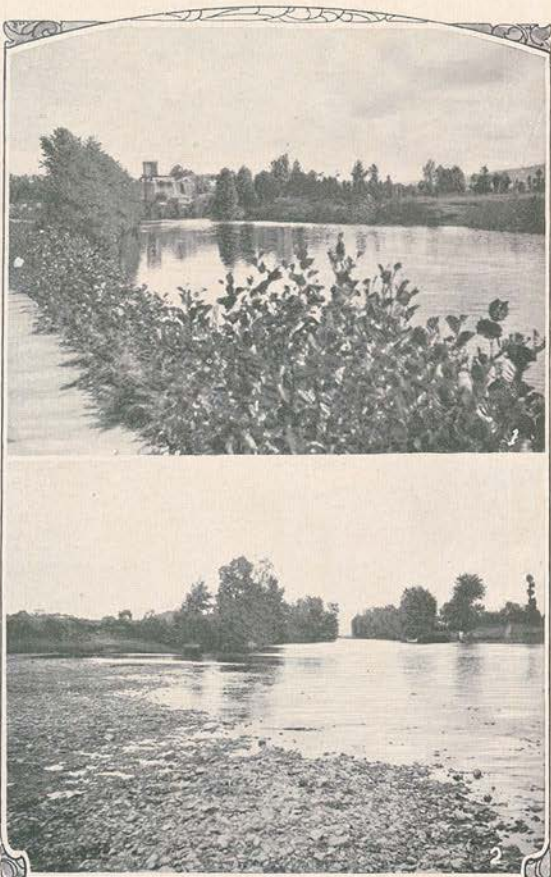
Chama-se Tamega; é um rio transmontano que corta a vila de Chaves.

Eu não sei d'outro que mais docemente murmure, mais tranquilamente deslize, mais modestamente corra.

Nenhum vate canóro lhe perturba o recato do seu viver.

Ele não é conhecido, ele não é citado.

Muito humilde, muito me-



tido em si, ele vai cantando baixinho para não dar nas vistas, e vai seguindo.

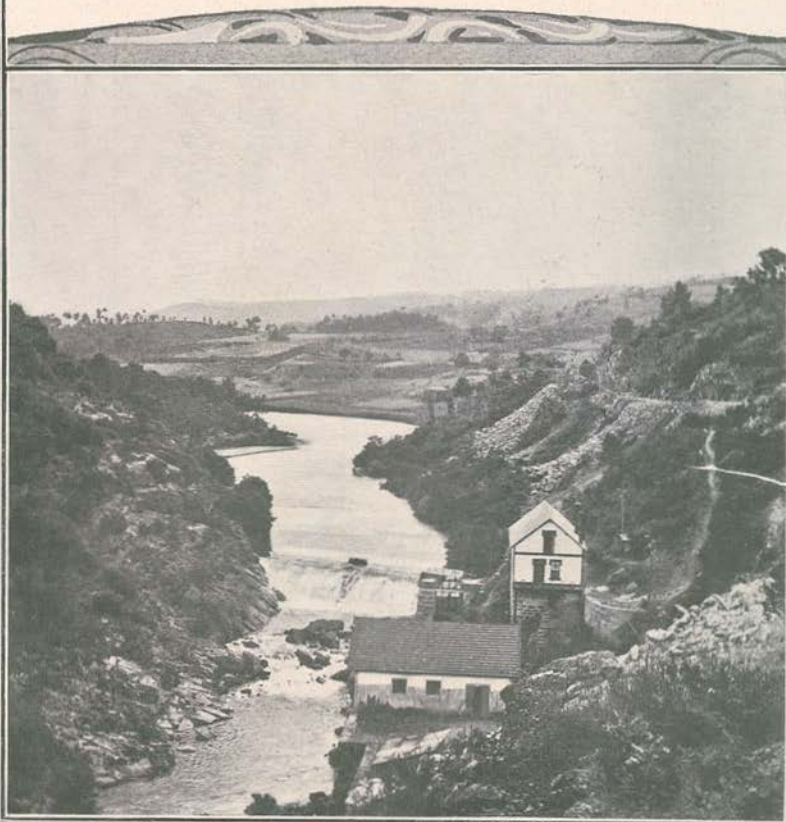
É lindo, o rio Tamega.

Lindo manso socegado, como se fóra uma larga benção de paz, de amor, de graça doairosa no meio da atormentada e estorcida paisagem transmontana que dirieis gritar revoltas e desesperos.

Com que doçura ele vai por essa veiga de Chaves ensinando a serena e tranquila modestia que

torna a vida facil e feliz, fóra das lutas brutaes dos interesses! — com que suavidade ele vae dizendo e apostolando que a felicidade está na usufruição da vida tal como ela é, sem pres-

gueiros que se debruçam para lhe dizer não sei que segredos, ele lá vae murmurando docemente a sua filosofia de bom filosofo um tudo-nada cético.



Central hidro-eletrica da Peneda

sas de chegar ao fim, sem canceiras exaustivas!

Lutas, revoltas? Para quê? para quê?

A vida só é boa vivida sem ambições, socegradamente, recolhidamente.

E ele lá vae em curvas preguiçei-ras, afagado pela rama dos seus sal-

E é justamente á conta da sua filosofia que eu mais adoro este rio feliz, ao mesmo tempo um dos mais formosos e encantadores rios de Portugal.

Lisboa, Julho.

*João Pinto Figueiredo.*

# A guerra sobre o mar

Como é belo o sonho dos pacifistas—uma humanidade fraterna e boa, sem espinhos no coração, sem que os seus lábios jámais se maculem com lisonjas, calúnias, ou perfídias; não carecendo de codigos, de carceres, de exercitos, e de esquadras.

Como seria, na verdade, encantador que o toque vibrante dos clarins e o rouquejar do canhão deixassem de reboar pelos ares, e que o lindo luar nunca

mais tivesse de iluminar lugubres festins de abutres e de chacacs nos campos de batalha, para somente presidir a soberbas festas de paz e de fraternidade!

Desgraçadamente de sonho não passa; sonho afinal perigoso, podendo dizer-se até que os maiores inimigos da paz são os pacifistas, porque com as suas ingenuas doutrinas levam os espiritos simples á miragem de uma bondade, de uma justiça e de uma pureza moral que não podem existir.

No meio das sociedades ha sempre o aguilhão do mal a impulsionar a vida; e o direito a essa vida é o mais sagrado de todos os direitos. D'áí um choque tremendo e permanente de interesses, de ambições, de rivalidades sem conto e de egoismos ferozes — que as batidas da civilização, longe de moderarem, cada vez mais vão multiplicando por todos os recantos do globo.

Guerra, sempre a guerra, tudo para a guerra, — eis a esmorecedora realidade; guerra nos campos de batalha, no campo economico, no comercial ou no científico; a guerra, como disse Delcassé, o estado permanente dos povos, exatamente como succede a todos os aglomerados de se-

res na natureza. E se, por algum tempo, a voz altisonante da artilharia se cala — é para que, noite e dia, mais canhões descomunaes se constroam, n'um arfar possante de pilões; é para se lançar á carreira mais quilhas de couraças; é para que torrentes fulhantes d'áço candente, rubro, vão moldar-se em placas de blindagem, em projeteis, em viaturas e espingardas e não somente em maquinismos uteis locomotivas, paquetes, charruas ou torbinhas.

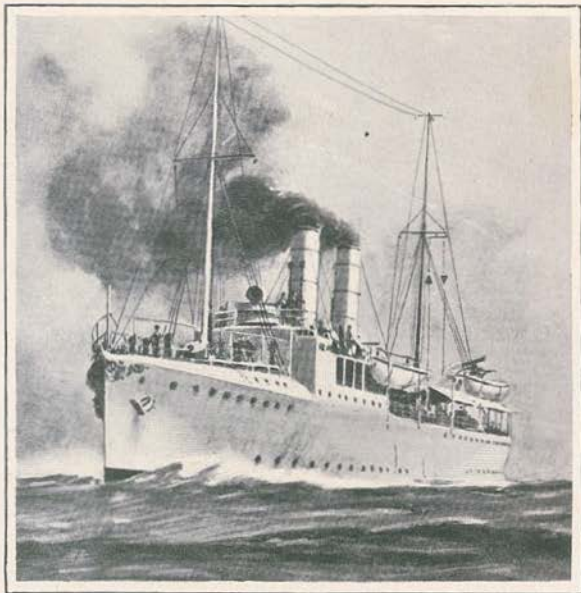
Resolução de problemas rigorosamente científicos a guerra moderna, é infinitamente mais cruel, mais sem treguas, aspera e desleal do que a do tempo antigo. O homem primitivo, lutando, no direito á vida, corpo a corpo, com entusiastico ardor e até com iuconcussa lealdade, na defeza de uma caverna, de uma peça de caça ou de uma femea, quasi nos parece um ser superior ao lado do super-civilizado do seculo XX.

Para fazermos a guerra vestimo-nos hoje com uniformes da cor da terra; cavamos fossos e n'eles passamos dias inteiros para que o inimigo

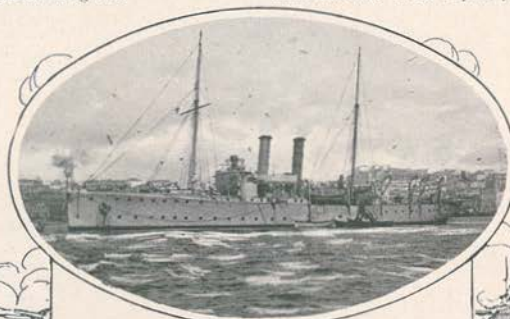
nos não possa vêr e traçoiramente os possamos bater com vergastadas aceradas de metralha.

Raramente o nosso ferro se cruza com o do inimigo. Cruzam-se, sim, pelos ares, torrentes d'áço e de baixo do chão sobre o qual, pela calada da noite nos vamos surrasteiramente arrastando como serpentes, ha minas que explodindo, dispersam, dilacerados, palpitanes, ensangantados regimentos e brigadas inteiras.

Se para o mar nos volvermos, aí veremos os gigantes d'áço, mal avistam no horizonte o penacho de fumo



«Panther», canhoneira alemã afundada no combate das Canárias



A «Panther», fundeada no Tejo

(«Gliché» Benoitel).





negro das suas chaminés, a metralhar-se impiedosamente; ao mesmo tempo que, em audaciosas revoadas os vigilantes aviões, fora do alcance de todos os projecteis, vão espionando o vasto oceano; e que por baixo das ondas o traícoeiro submarino, espreitando tranqüilamente a preza, como um perfido jaguar se prepara para rasgar de um só golpe o ventre ao impavido mastodonte.

Trôá, n'este momento, em todos os mares da Europa a artilharia. Alterosos couraçados, fendendo pesadamente as aguas, com a solenidade do triunfador, caminham em grupos. Nos seus mastros sobem e descem incessantemente sinaes de côres vivas. Velozes cruzadores batem todo o horizonte e vigiam as estradas do mar. Verdadeiros cardumes de *destroyers* e de submarinos acompanham tambem as esquadras; ou, mais apagados á terra, vigiam o litoral, procurando surpreender o rasto do inimigo e assaltar como formigas os incautos paquetes.

Toda uma multidão de navios, emfim, de formas e funções as mais variadas e complexas, representam centenas de milhões e em cujo ventre se acumulam e se multiplicam ao infinito todos os engenhos de destruição e de carnificina, estão agora a postos de combate.

Mas quer o leitor, por um momento, penetrar no interior de algum d'esses navios?

Embarquemos n'um *dreadnought*, por exemplo.

Logo de entrada vos surpreenderá que, albergando-se no seu bojo mais de um milhar de creaturas, não se ouça barulho, não haja gritos, não se fale alto, não haja corridas precipitadas. No convez, talvez que nem um marinheiro encontrareis.

Se é noite, os faroés vão apagados. Na frente e na retaguarda do monstro outros monstros vão tambem em longa fila. Officiaes e marinheiros estão em seus postos—dispersos pelas torres, cobertas, baterias e paioes de munições.

A gente das maquinas está como que n'um mundo áparte; em faina que mais parece industrial. Os fogueiros vigiam as fornalhas, atiram-lhe carvão, injetam-lhe torrentes de petroleo, emquanto nuvens de poeira negra asfixiante, agitadas por ventoinhas descomunes redopiam em todo o compartimento.

E se o inimigo se mostra no horizonte e que logo as guelas de 8 ou 10 enormes canhões entram a despejar toneladas de aço a vossa surpresa ainda mais aumentará ao verdes que o formigueiro continuou tranqüilo, não se deslocou, não se enervou... Os feridos e os mortos começam a ser levados para os hospitaes de sangue; ha que extinguir rapidamente incendios aqui, além; um destacamento especial cuida de vedar rombos.

O comandante—o cerebro do organismo gigantesco—está encerrado no seu posto. Os officiaes longe d'ele, isolados nas torres; os da direcção do tiro no alto do mastro observando, calculando, como n'um gabinete astronomico; os maquinistas no seu tumulo—todos esses combatentes, entregues ao seu dever, absorbtos pela sua faina, não podem sentir vibrações na alma, nem entusiastico ardor, nem desfalecimentos. Não podem perder tempo a pensar em que,

a cada momento as granadas inimigas poderão varar os flancos do gigante e explodindo dentro d'ele, matar gente basta; destruir as torres e as chaminés; provocar incendios; abrir brechas; e algum torpede pode abrir um rasgão por onde o mar logo repuchará, inundando paioes, inundando maquinas, provocando a explosão das caldeiras, de paioes de petroleo ou de munições... E se o navio reduzido já a um cemiterio flutuante—como a tantos succedeu em Truchima—abrasado em fogueiros, escorrendo sangueiras dos seus flancos, tiver ainda alguns raros sobreviventes, talvez que eles so então reparem que não tem escaleres para se salvar, por que se algum foi conservado a bordo durante o combate, n'esse momento já não será mais que estilhaços ou um monte de cinzas.

Como é horrenda a guerra, não é verdade?

No entanto grandes e pequenas nações para ela se preparam, consagrando á sua defeza terrestre e maritima largo esforço, imenso dinheiro e saber.

Só nós, portuguezes, de tão grave problema nos temos sempre desinteressado. É se por um momento n'ele pensamos quando no horizonte apparecem os primeiros fuzis de tormenta, logo que o céu de novo se mostra claro, de novo o abandonamos.

Imperdoável é, sobretudo, o nosso desprezo pelo mar e pela marinha—esse mar e essa marinha que foram tudo para Portugal e a que temos preso o nosso futuro, prosperidade e riqueza.

Não vimos ou não quize-mos vêr a iminencia do actual conflito. E se alguém ousava para ele apontar logo a onisciencia impertigada de alguns maiores da nossa terra he arremessava ás faces sarcasmos e doestos.

Eis porque, quando todas as nações tem agora algo que lançar de valioso e seguro no prato da balança, nós bem pouco podemos oferecer. O nosso exercito é pequeno e ainda incompletamente armado; a nossa marinha é apenas uma reliquia.

Es porque, quando todas as nações tem agora algo que lançar de valioso e seguro no prato da balança, nós bem pouco podemos oferecer. O nosso exercito é pequeno e ainda incompletamente armado; a nossa marinha é apenas uma reliquia.

Mas, seja qual fôr o papel que n'esta hora tão tragica, o destino reserve á nacionalidade portugueza, alguma coisa ha que a todos os bons portuguezes deve inundar a alma de jubilo intenso—é a convicção de que hoje, tal como nos tempos idos, os nossos soldados e marinheiros hão de cumprir honradamente o seu dever.

Nada lhes entibará a tradicional inabalavel constancia nas horas de luta, a indomita energia e o velho brio portuguez.

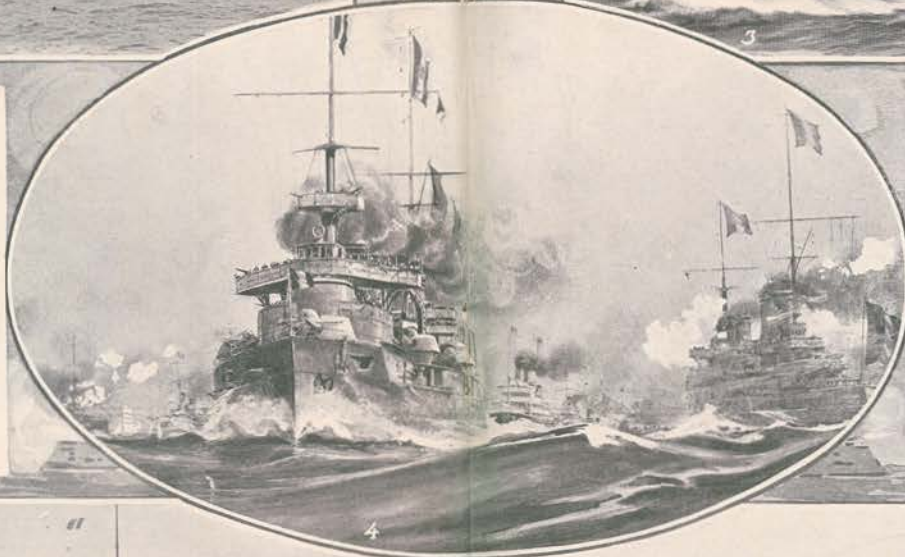
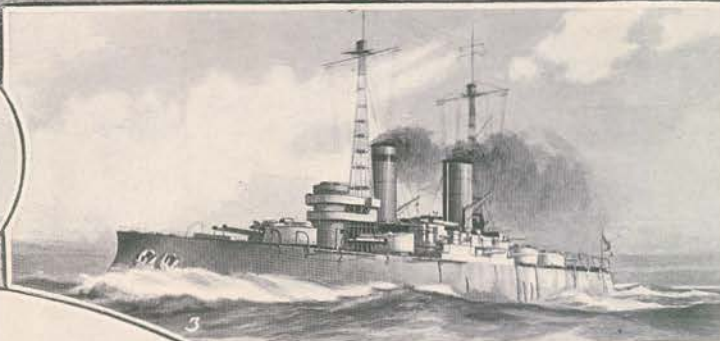
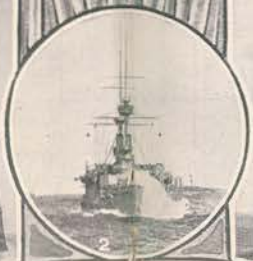
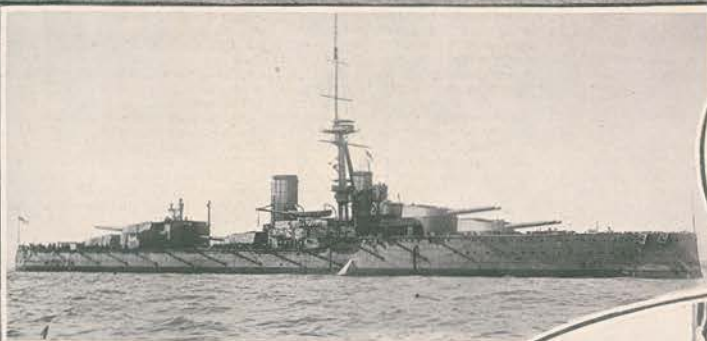
Quanto mais rija fôr a peleja, intenso o chuveiro da metralha, mais n'eles se reanimará a epica valentia dos paladinos antigos—esses que, em cargas formidaveis levavam de roldão os mais temidos soldados da Europa, ora queimavam as proprias cearas e os seus casaes para que o inimigo ficasse sem quartel.

Terriveis gergens de decadencia corroeram, na verdade, no ultimo seculo a grande alma portugueza, mas não a aniquilaram completamente. Ela não morreu, nem nunca morrerá. Não foram somente as pequenas caravelas dos grandes navegadores do seculo XV que nos fizeram imensamente grandes—tão grandes que, por um



O couraçado francez «Saint-Louis

(«Cliché» Benolle)



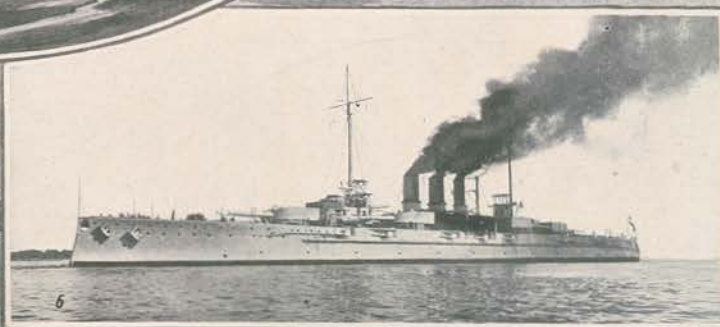
momento, quasi dispuzemos dos destinos do mundo, quando as outras nações da Europa se dilaceravam n'uma das mais tremendas lutas que a historia registou em suas paginas cobertas de sangue enegrecido.

Tão pouco foram só essas fortalezas do Malabar e do Arabico, de que hoje apenas restam farrapos cobertos d'era, como a frente dos lendarios heroes—que nos deram tão assinaladas vitorias, prestigio, esplendor e imorredoura gloria. Foi principalmente a alma viril e ousada dos nossos homens d'armas de mar e terra. Foi o carater austero e a destemida abnegação do grande Albuquerque e de tantos outros insignes capitães. Foi, n'uma palavra, a grande alma portugueza, sempre bela, generosa e energica—à mesma sempre atravez dos seculos, desde Duarte Pacheco até Mousinho de Albuquerque; desde D. Nuno Alvares a Carlos Candido; desde a dos heróicos defensores de Chaul e de Diu, até aos valentes de Coolela, Coamato e Marraqene; desde o tambor de Wagan, ao *gavroche* de Cha-

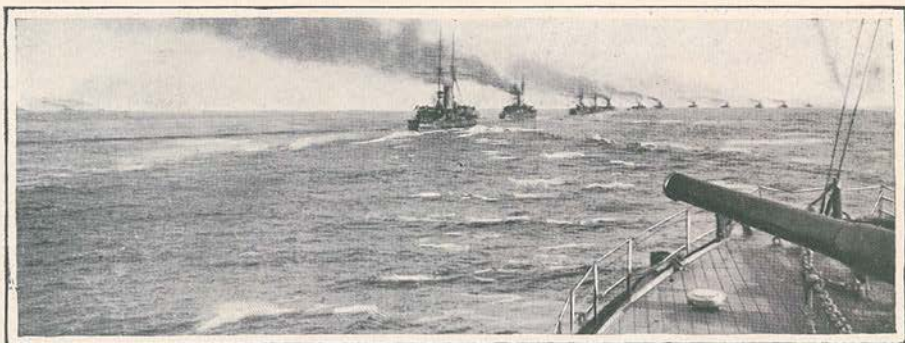
ves; dos patriotas de 1640 aos soldados da legião portugueza e do Bussaco; e desde os revolucionarios de 1820, até esses esfarrapados que em 5 de outubro, sangue quizeram verter a rôdo pela Republica—a obscecada aspiração de toda a sua vida—e que tambem de carabina ao hombro correram a defender o erário dos ricos.

Não poderemos, desgraçadamente, mobilisar de pronto muitos corpos de exercito. Na nossa esquadra não poderemos ainda agora incluir uma unica unidade de combate de valor incontestavel. Todos os nossos navios são velhos, remendados ou incompletamente armados. Todavia, será com expansivo alvoroço—podemos estar certos—que soldados e marinheiros receberão ordem de abalar, seja para onde a honra da Republica o venha a exigir.

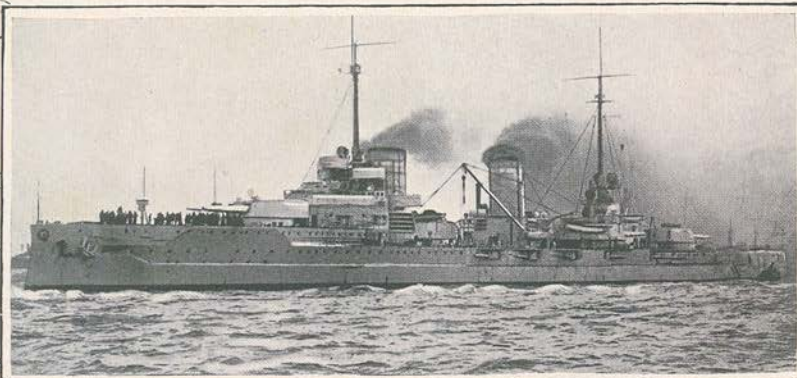
Eles procurarão triunfar; e se a morte os esperar, eles saberão morrer pela linda terra portugueza. As ultimas palavras despedidas dos seus labios serão talvez de maldição para os que promoverem o descabro da defeza nacional. Mas a confortar-lhes o cora-



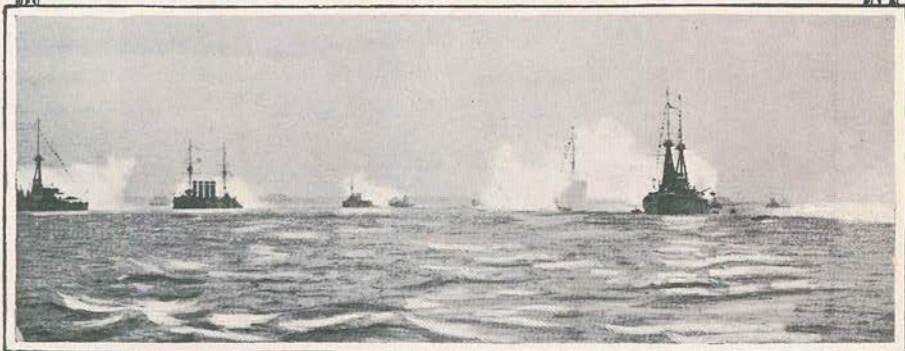
1. Couraçado inglez «Orion».—2. Couraçado-torpedeiro «Jupiter».—3. Um couraçado russo.—4. Uma esquadra franceza: A' frente o couraçado «Jules Michelet». 5. Couraçado francez «Liberté».—6. Ironclad alemão «Helgoland».



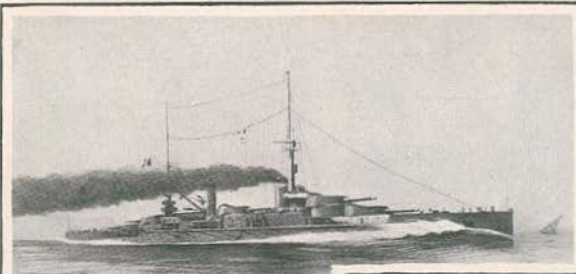
Inimigo à vista



«Gobens», Couraçado alemão apresado pela esquadra franceza



Em combate



1

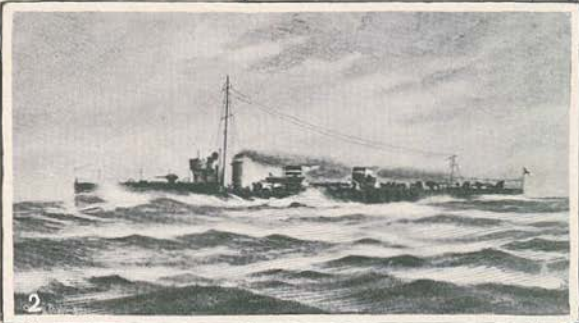
Dreadnought francez «Bretagne»

ção, eles poderão levar a esperança de que os seus filhos, educados agora no culto da honra, do dever e do mais entranhado amor patrio, saberão tornar a nacionalidade dos seus antepassados digna da sua brilhante historia.

Se formos vigilantes, decididos, se procedermos com energia e com desassombro, embora só com os limitados recursos do presente, algo podemos fazer de proveitoso para a manutenção da integridade do nosso patrimonio, disperso por todo o mundo. Aos aliados, e a esses outros povos a que nos prendem afinidades de raça e de temperamento e funda simpatia, e para quem n'esta grave conjuntura, vão as vibrações mais entusiasticas da nossa alma — a todos eles alguns inestimaveis

serviços podemos prestar, que de certo não serão esquecidos.

Mas se por ventura n'esse formidavel turbilhão que ora ameaça subverter a Europa n'um mar de sangue, a nacionalidade portugueza tiver de succumbir, que ao menos e a caía de frente erguida e que sobre o seu tumulto a posteridade possa ler — aqui jaz um povo de valen-

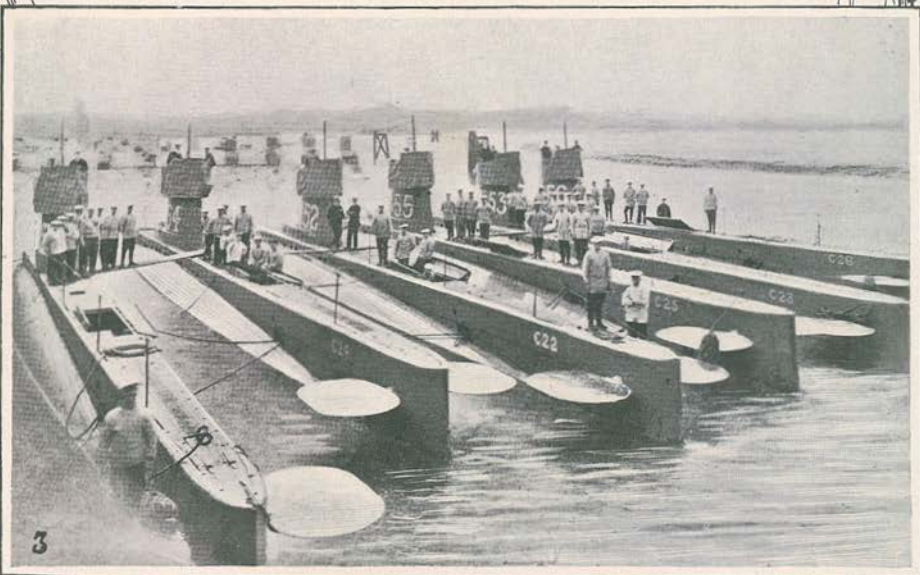


2

Destroyer Inglez

tes, de heroes e de patriotas, em vez de aqui jaz um bando de cobardes, de homens sem carater e sem amor ao torrão natal.

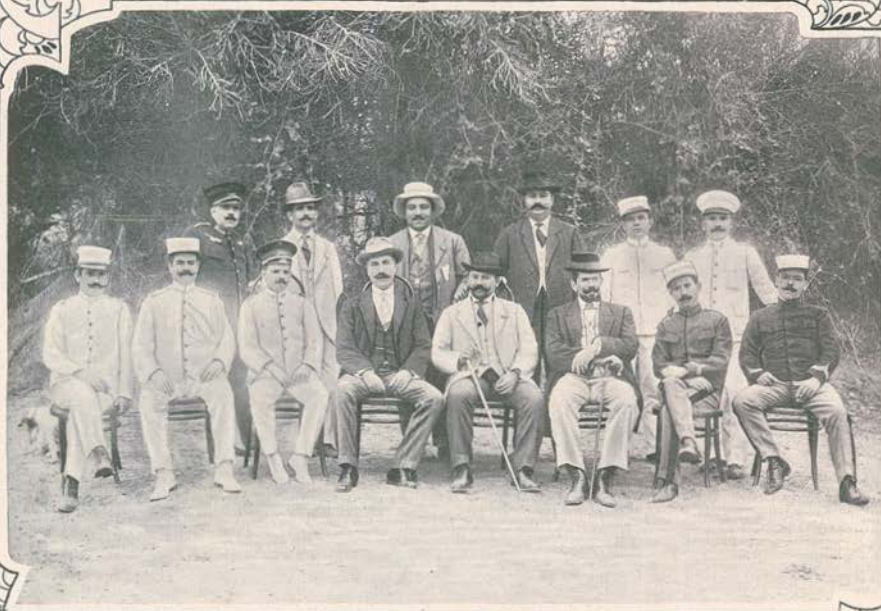
LEOTIE DO REGO.



3

Uma esquadilha de submarinos

# Atiradores Cívicos de Loanda



Grupo de atiradores civis de Loanda dando o lugar de honra ao encarregado do governo, sr. major Mimoso Guerra



Assistencia á abertura da carreira do tiro em Loanda

# Exposição de frutas no Salão da "Ilustração Portuguesa"



1. Sr. João Moreira da Silva.—2. Sr. Alfredo Moreira da Silva.—3. Sr. Albano Moreira da Silva.  
4. Sr. Joaquim Morcha da Silva, expositores do Porto.



Um aspeto da exposição pomológica

(«Clichés» Benollel).

# Nas praias de Rügen



Rügen é uma formosa ilha alemã do mar Báltico, nas proximidades do litoral da Pomerania, do qual está separada por um estreito de dois quilômetros de largura. Esta ilha, que tem uma história acidentada, porque foi primeiro dinamarquesa, depois sueca e por fim, desde 1815, prusiana, é afamada pelos seus banhos do mar. As suas pitorescas praias são frequentadíssimas e oferecem vilegiaturas a que não falta nenhum encanto. Como em todas as praias, nas da ilha de Rügen abundam as diversões, mas nenhuma sobreleva o exercício de arco e flecha, que é o favorito das damas elegantes, que por ele desprezam todos os outros jogos e diversões sportivas.



## FIGURAS E FACTOS

O sr. dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, falecido ultimamente, era uma figura de relevo no meio lisboeta. Antigo e consideradíssimo advogado, representou por varias vezes em côrtes, durante o extinto regimen, o distrito de Castelo Branco, onde exercia larga influencia, foi administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e fez parte dos corpos gerentes da varias sociedades anónimas, exercendo n'outras o cargo de advogado consultor.

O dr. Reis Torgal era um homem intelligentissimo a de solida



Sr. dr. Reis Torgal

cultura. Deixa no fóro um bom nome. Era justamente considerado como um dos nossos mais habéis e sabedores jurisoconsultos.

Extinta a monarquia, afastou-se em absoluto da politica, vivendo exclusivamente para a profissão que tanto honrou.

A sua finissima educação e bonhomia de trato grangearam-lhe simpatias de toda a gente. Assim, a sua morte foi geralmente sentida e o seu funeral revestiu o carater de uma autentica manifestação de respeito e saudade.

## OS PROGRESSOS DA INDUSTRIA NACIONAL

O sr. Paulino Ferreira é um dos mais considerados industriaes lisboenses, conhecido pela sua arrojada iniciativa. As suas modelares oficinas de encadernação gosam de reputação merecida pois são das mais completas e modernas que possuímos. Ultimamente



monumental galeria, ter instalado todas as maquinas e utensilios do maior aperfeiçoamento usadas na industria que explora. A festa de inauguração das novas oficinas do sr. Paulino Ferreira, a que assistiram entre outros convidados representantes do illustre



2. O sr. Paulino Ferreira e seus filhos.—3. Inauguração das novas instalações das oficinas do sr. Paulino Ferreira. O distincto industrial, o seu pessoal e convidados.—(Clichés Benótel).

o sr. Paulino Ferreira remodelou-as, por forma a, n'uma area de mil metros quadrados, circundada por uma

presidente do ministerio e do arrajo da industria. sagração dos meritos do trabalho industrial.



## Grupo dos Lusitanos Intransigentes

São inúmeras as agremiações portuguesas no Brazil, de caridade, de instrução e recreio, todas mantendo um relativo grau de prosperidade que por vezes lhes permite acudir bizarramente aos apelos da mãe patria. Uma d'elas, recentemente instalada em S. Pau-



1. Direcção do Grupo dos Lusitanos Intransigentes, de S. Paulo (Brazil) — 1. Joaquim d'Oliveira Leite (tesoureiro) — 2. Frederico da Silva Gomes (fiscal) — 3. Antonio Clemente (presidente) — 4. Alambro Andrade (fiscal) 5 — Gonçalves Paratudo (secretario)

lo, é o «Grupo dos Lusitanos Intransigentes», cujo fim exclusivo é promover excursões e pic-nics a pontos mais ou menos afastados do florescente estado, cujas belezas naturaes provocam palavras de admiração a quantos as tenham apreciado.



2. Grupo dos Lusitanos Intransigentes n'um pic-nic no Parque Sabaguara no dia 5 de julho — 3. Outro aspecto do pic-nic



# MISSAL DE TROVAS



A lua da minha terra  
E' tão velhinha coitada;  
Quantos amantes guiou  
Ao balcão da sua amada!

Se a tua boca divina,  
De desejos fina rede,  
Fosse uma fonte de beijos,  
Andava sempre com sêde...

Se eu um dia te morresse,  
O que farias, querida?  
Tratava do teu enterro,  
Cuidava da minha vida.

Dizem todos que eu sei muito,  
Mas creio que não sei nada...  
Pois se ainda nem sei ler  
Nos olhos da minha amada!

De que pátria é o amor?  
Quando nasceu? em que mez?  
O amor nasceu comnosco,  
O amor é português.

O' Portugal, nau sem mastros,  
Desde a hora em que tu duras,  
Os teus marinheiros dormem,  
A sonhar com aventuras.

Confundimos nossas almas:  
Separa-las não convinha...  
Se partes, fica-me a tua,  
Tu, levas contigo a minha.

Portugal, velhoromeiro,  
Encostado a um bordão,  
Veio pedir-me uma esmola:  
Eu dei-lhe o meu coração.

Jurando um amor sem fim,  
Uma carta me mandaste:  
Foi a tua mãe que a fez?  
Ou tu é que a copiaste?

Quando o Senhor cravejava  
De estrelas os altos céos,  
Deixou-te cair na terra...  
Tombaste das mãos de Deus!

Teu coração é presidio,  
Eu também sou condenado...  
Só p'las frestas dos teus olhos  
Vejo do céu e o sol doirado.

O mar disse um dia á terra:  
«Hêi-de amar-te até morrer».  
Responde a terra medrosa:  
«É estás-me sempre a bater!...»

(do recente e belo livro MISSAL DE TROVAS de dois jovens poetas, s. s. Augusto Cunha (1) e Antonio Ferro, (2) que auspiciosamente se estrearam)

STUART

# Portugal e a guerra

Com quanto longe do teatro da guerra e não tendo n'ela participação, Portugal, mercê da sua aliança de seculos com a Gran Bretanha, não pôde ser estranho ao tremendo conflito que se desenrola no continente europeu.

As simpatias do povo vão, naturalmente, para a nossa velha aliada que, tendo a todo o transe querido evitar a conflagração, n'ela se viu envolvida, intervindo afim de manter a neutralidade da Belgica. Nós temos, forçosamente, de seguir os destinos da Inglaterra, a quem devemos todo o apoio a que uma antiga aliança nos obriga. E' essa a



Manifestação popular em frente da legação da Inglaterra

convicção geral, de governantes e governados.

O povo, este povo altivo e generoso que não perde ensejo de se manifestar a favor de todas as causas justas, mórmente quando a Liberdade é ameaçada, está de alma e coração com os seus irmãos de raça, com quanto mantenha a mais fidalga e serena das atitudes com as outras nações

beligerantes. A sua correção n'este momento critico tem sido verdadeiramente notavel.

Muitas tem sido as manifestações populares realizadas ultimamente em Lisboa em virtude da guer-

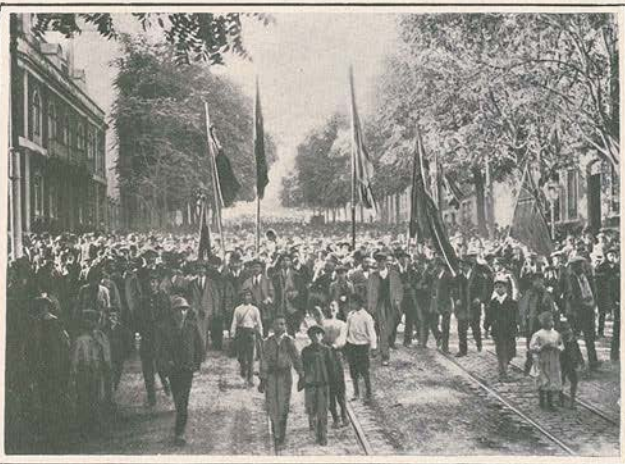


O povo, saindo do Parlamento, a caminho das legações

ra, mas as do dia 7, em seguida á historica sessão parlamentar a que n'outro logar nos referimos, excederam em entusiasmo e brilho

tudo o que se possa imaginar. Depois de vitoriar os membros do governo e os chefes dos grupos politicos á saída do Parlamento, a enorme

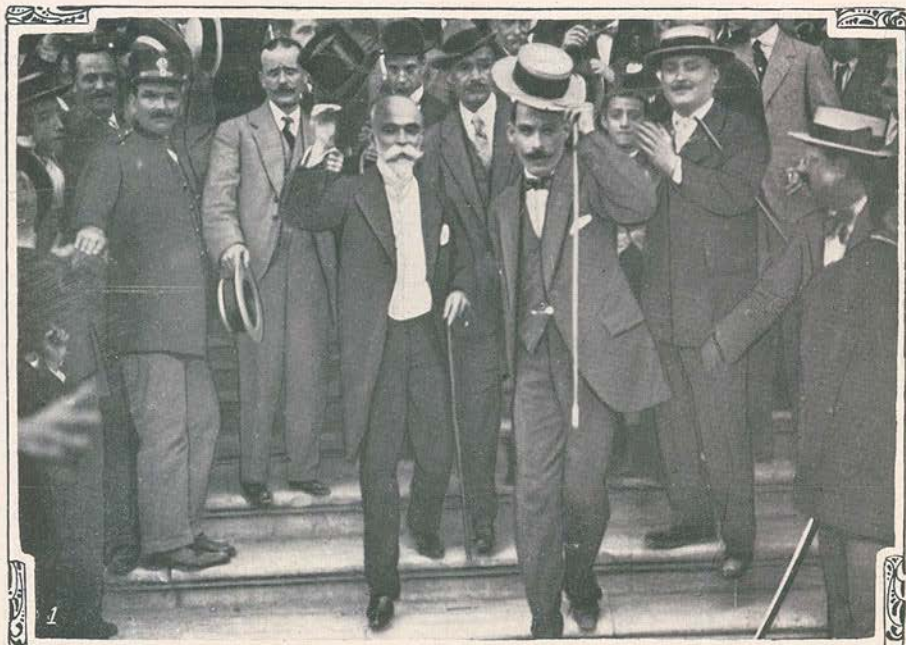
massa de povo que enchia o largo das Côrtes e imediações, levando á frente uma comissão composta de senhoras da Liga das Mulheres Republicanas e dos srs. J. Marques, Arnaldo Carvalho, Jorge Carvalho e Antonio Augusto de Barros, empunhando bandeiras francezas, inglezas e nacionaes, dirigiu-se ás legações da França, Inglaterra e Russia, junto das quaes produziu manifestações em que o entusiasmo subiu ao rubro, vindo ás janelas os representantes dos tres paizes agradecer,



Na Avenida das Côrtes



As manifestações em frente da legação de França



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente do ministerio, saindo do Parlamento



O povo aclama o governo à saída do Parlamento

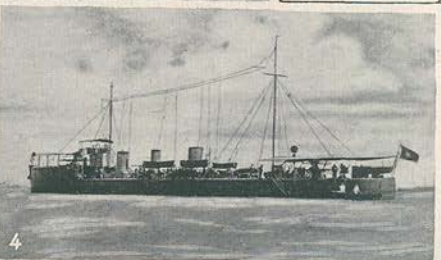
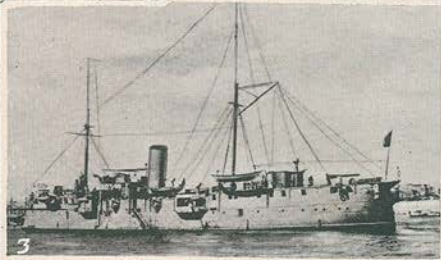
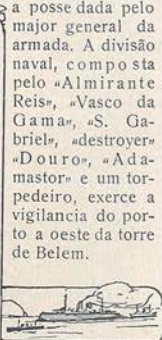
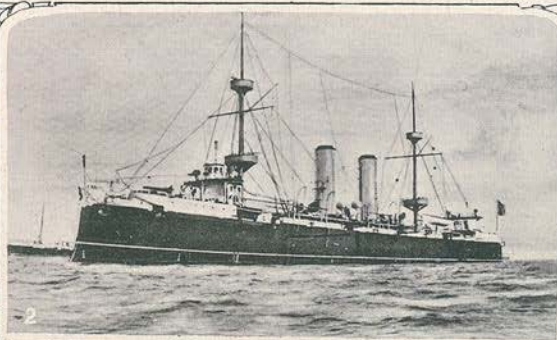


O sr. ministro da marinha, capitão de fragata Augusto Neuparth, acompanhado do major general da armada e seus ajudantes, cumprimenta o sr. contra-almirante Xavier de Brito, comandante em chefe da divisão naval portuguesa

recebendo ovações verdadeiramente delirantes. O povo saudado nas ruas do transitio com palmas, lenços e exclamações pelas pessoas que assomavam ás janelas, saudou nos seus quarteis os marinheiros e infantaria 2, produzindo novas e brilhantes manifestações.

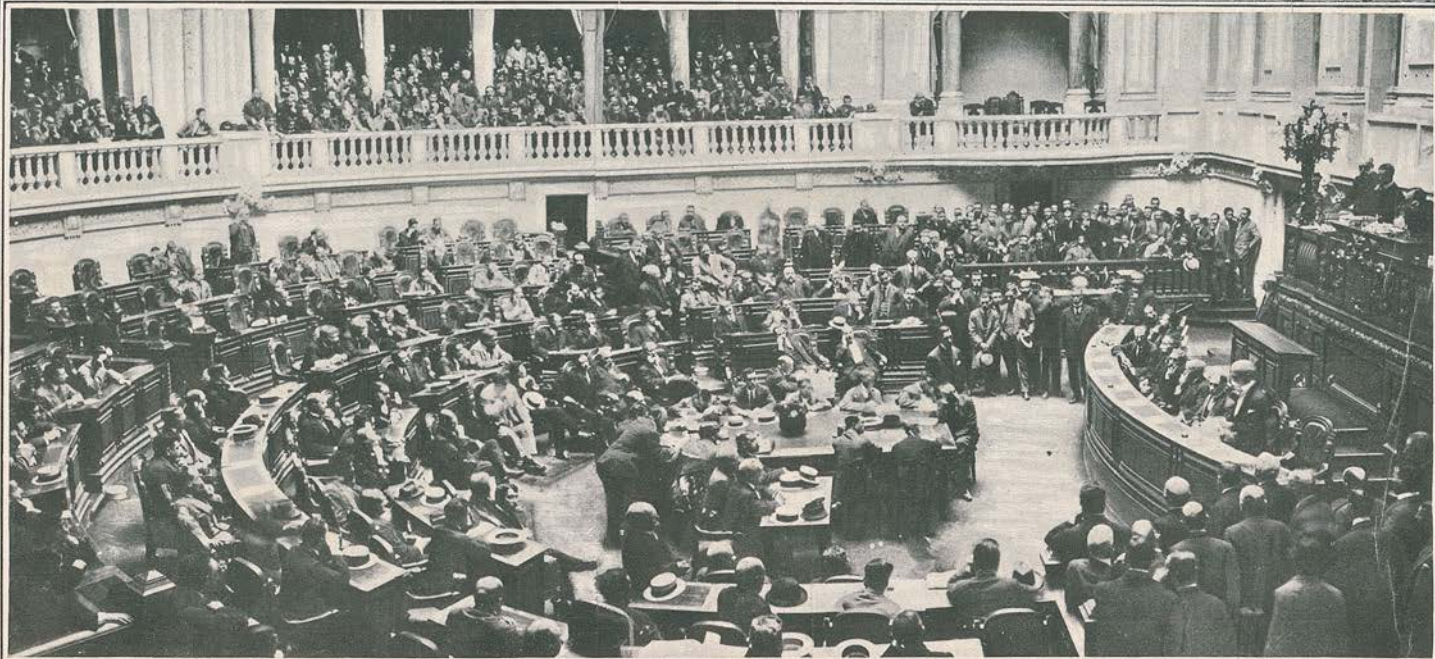
mando da divisão naval o vice-almirante sr. Xavier de Brito, sendo-lhe a posse dada pelo major general da armada. A divisão naval, composta pelo «Almirante Reis», «Vasco da Gama», «S. Gabriel», «destroyer» «Douro», «Adamastor» e um torpedeiro, exerce a vigilância do porto a oeste da torre de Belem.

Assumiu o co-



2. O «Almirante Reis»—3. O «S. Gabriel»—4. O «Douro»—(«Clichés» de Benollet).

## A sessão extraordinária da Camara dos Deputados no dia 7



O dia 7 de agosto marca uma data histórica. O Parlamento Português, n'esse dia reunido extraordinariamente para conferir ao governo os mais altos poderes na especial emergência que atravessamos, deu um dos mais altos e nobres exemplos de patriotismo.

Depois de ser ouvido em religioso silencio o pe-

queno discurso em que o ilustre presidente do ministério expoz a situação e pediu ao Parlamento lhe concedesse a força indispensavel para cumprir o seu espinhoso dever, os chefes dos tres grupos politicos em breves mas elevadas orações, que ficam nos anaes parlamentares atestando o acendrado patriotismo das facções em que se divide a familia republicana,

declararam dar o seu incondicional apoio ao ministério e confiar-lhe absolutamente os destinos da patria em tão grave momento. N'um movimento de entusiasmo, as galerias associaram-se calorosamente á grande manifestação com que terminou a sessão histórica.

# A ARTE NOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAES



Um aspecto do interior do estabelecimento

A Lisboa comercial vem sofrendo uma transformação radical. As instalações modernas sucedem-se, rivalizando em «chic», em refinado bom gosto. Elas constituem o melhor, o mais eficaz dos reclamos. Assim o entenderam, e bem, os srs. Aires de Carvalho & C.<sup>o</sup> que acabam de abrir na rua Nova do Carmo um estabelecimento, «Au bonheur des Dames», exclusivamente destinado, como o nome indica, á venda de produtos que interessam as senhoras. De facto, as suas quatro

vê lá fóra, produtos de beleza, perfumarias, chapéus e objetos de arte aplicada. Ali encontra-se tudo quanto a uma elegante carece para a sua complicada «toilette» e aperfeiçoamento físico.

«Au bonheur des Dames» é um estabelecimento absolutamente novo entre nós, porque a maior parte dos seus produtos não se encontram á venda em Portugal. Veiu, pois, a nova casa comercial preencher uma lacuna, evitando incómodos, des-



A fachada do estabelecimento.

seções ostentam, em instalações que rivalizam com o que de mais rico e belo se

pesas e esperas ás senhoras que habitualmente se surtem no estrangeiro dos chamados produtos de beleza.



# TEATROS

«A FILHA DA S.<sup>a</sup> AN-

GOT», no Coliseu

Não envelheceu, positivamente não envelheceu, esta «Filha da Sr.<sup>a</sup> Angot» que já tinha uma edadesinha bem regular quando eu nasci. Não posso, por isso, dizer que tenha brincado com ela — mas, emfim, somos amigos velhos porque, desde criança, a ouço trautear e, até mesmo, em momentos de inspiração, varias vezes, no collegio, a assobiei.

Fui, no outro dia, vê-la ao Coliseu. E, Deus do céu,



pouco mais ou menos, a um d'aqueles letreiros que é costume, no campo, colocar entre as vinhas e os pomares: «aqui ha ratoeira». Feito o aviso, nada mais ha a acautelar. Quem, depois de ler o letreiro, saltar o muro, se atrever febaixo das latadas ou por entre os laranjaes e cair no osso ou partir uma perna, não em de que se queixar. Estava avisado. Aquele «genero Palais Royal», tambem diz tudo. E diz tanto que não me consta até agora que a fragil Inocencia por lá tenha partido qualquer perna ou sofrido desastre de maior. Está prevista: não entra. Em compensação ha muita pessoa circumspeta que não falta...

Em francez, esta peça chama-se, se bem me lembro, «Chopin». Tem, na realidade, muita graça, sobretudo no 2.<sup>o</sup> ato, em que a fantasia e a malicia se equalam em «verve» e extravagancia. Lá estão a indispensavel cama, a indispensavel mulher despida, genero Feydeau, o indispensavel cavalheiro em mangas de camisa e um indispensavel principe russo, que não dispensa o genio de Chopin no mais acceso das suas aventuras amorosas. Cupido, deus do amor, atravessa aquele ato na sua libertina nudez, sob o olhar complacente e alegre dos espertadores que gostam, com bastante razão, de o vêr assim, tão despido e tão brejeiro. Não deixarei de registrar que a representação foi o que é indispensavel que seja n'este genero de teatro: rapida e viva. E, ao lado dos nomes de Adelia Pereira e Pato Moniz, lembrarei dois novos que merecem referencia: Jorge Grave, que foi um galã feliz e Francisco Judicibus, estreante como ator e que como ator marcou o seu logar.

tinha remoçado. Ia mesmo a dizer que nunca a virá mais nova — tão fresca, vistosa, alegre, variada, noli-a soberam apresentar os figurios e as vozes da companhia Caramita. As coisas que esta «Filha da Sr.<sup>a</sup> Angot» nos faz lembrar, não é verdade? E' sempre bela aquela musica cristalina, saltitante, sorridente e clara — e vem sempre a proposito aquele entrecho, já hoje nm pouquinho ingenuo, mas sempre gracioso e facil. O tempo desbotou um pouquinho esta velha obra — mas a juventude da sua interpretação d'outro dia, se não lhe tirou a «patine» da idade, tão bem lhe ocultou as rugas, que ninguém se atreveu a perguntar-lhe quantos anos tinha.

«A CASA DE SUSANA», no teatro Apolo.

Realmente, aquela «Casa de Susana», ali, no teatro Apolo, é uma verdadeira... casa de fresco — e, como tal, muito recomendavel n'este mez quente d'agosto. O distico «genero Palais Royal», que os cartazes vistosamente ostentam, é um eufemismo delicioso: que, traduzido em miudos, corresponde,

A. de C.

**CIGARROS  
DE ABYSSINIA**

**EXIBARD**

*Sem Opio nem Morphina.*

Muito eficazes contra a

**ASTHMA**

Catarrho — Opressão  
e todas affecções espasmódicas  
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exitto. Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
6, Rue Dombasle, 6  
PARIS  
E BOAS PHARMACIAS

**Colégio Nacional** Internato de  
1.<sup>a</sup> classe para  
meninas. Pro fessoras  
estrangeras, piano,  
canto, pintura,  
arte applicada, etc., etc. →

Perfumaria  
**mimosa**  
102-Rua do Ouro-104  
Telefone 4050  
As Últimas Novidades

Sabonete preparado  
com os saes das Aguas



de **Nizella**

o melhor para a pelle

**SELLOS DE CORREIO**  
CATALOGO GRATIS E FRANCO  
*Remittem-se Folhas para escolher*  
**POULAIN FRÈRES**  
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

**TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM  
TODOS OS GENEROS** *Fazem-se nas officinas de*  
**"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"**  
RUA DO SEculo, 43 - LISBOA

## Aos surdos

**DEFENDEI OS VOSSOS OUIDOS!**

Para ouvir e defender os vossos ouvidos ensurdecidos, a **medicina** é insufficiente: por isso, recorrei ao maravilhoso **Acustifone**, cujo valor está consagrado por altas recompensas e elogiosos testemunhos ao seu inventor.

De fabricação franceza, não se estragando, este aparelho incomparavel que nada tem de elétrico, é para o ouvido obliterado o que a luneta é para a má vista. Nem pesado, nem desgracioso, nem ocupando espaço, usa-se atraz da orelha, sem incomodo nem fadiga, e em todas as circumstancias facilita a audição. Mas ele faz melhor do que fazer ouvir, porque, graças ao seu uso regular, tornando facil pela sua adaptação pratica e dissimulada para todos, o orgão é submetido a uma ginastica incessante que desperta as sensações auditivas adormecidas e assegura sem remedio e em toda a idade por uma reeducação racional a volta de uma percepção normal e o desaparecimento das perturbações articulares.

O inventor diplomado, sr. Burg, official da academia, 34, rua Meslay, Paris, envia gratuitamente a brochura ilustrada sobre esta bela invenção aos interessados.

Perfumaria  
**Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

**LOJA DA AMERICA**  
ROUPAS BRANCAS,  
SENHORAS E CRIANÇAS  
- R. DO OURO 206 -

FOTOGRAFIA

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

**21, Boulevard Montmartre - PARIS**

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

# O éxito do **PETRÓLEO GAL**



sobe até  
às nuvens